

## O RIO ARAGUAIA NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA E DA LITERÁRIA

**Jordana Almeida Lopes 1,**

**Maria de Fátima Oliveira 2**

1 Graduada do curso de História do Campus Anápolis de CSEH/UEG. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UEG). E-mail: jordana.al@hotmail.com

2 Doutora em História (UFG). Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: proffatima@hotmail.com

**Resumo:** São diversas as abordagens sobre o rio Araguaia, tanto por historiadores, quanto por geógrafos, economistas, biólogos, poetas, romancistas, dentre outros. Ao analisar o rio Araguaia por meio da História e da Literatura, é possível perceber elementos comuns às duas áreas do conhecimento, o que favorece uma análise mais rica e contribui para um melhor entendimento sobre o rio. Constatou-se, por exemplo, a presença tanto de elementos históricos quanto literários na obra de José Vieira Couto de Magalhães no século XIX. Ao relatar suas memórias de viagens e sua experiência de administrador da província, o autor se serve tanto de recursos reais quanto de uma narrativa imaginária para apreender e descrever os aspectos físicos, históricos e as belezas do rio Araguaia. Nos poemas de José Godoy Garcia, por exemplo, a literatura agrega grande valor no conhecimento sobre a História desse rio. Ele escreve com delicadeza poética as suas vivências no rio Araguaia, mas também retrata nos poemas, entre outras coisas, as especificidades físicas do rio, como sua largura e constituição geográfica, bem como a relação que o homem tem com esse ambiente natural. Desse modo, notou-se que a utilização da História e da Literatura para estudar o rio Araguaia permite fazer uma ponte, relacionando a ficção com os aspectos históricos e geográficos do rio.

**Palavras-chave:** Rio Araguaia, História, Literatura.

### Introdução

Este estudo buscou perceber o Rio Araguaia pelo viés da História e da Literatura, mostrando que a linha que as separa pode ser bem demarcada e consistente, mas às vezes pode se tornar bastante tênue, possibilitando um profícuo diálogo entre as duas áreas do conhecimento. Segundo a historiadora Sandra Jatay Pesavento (2003), existe uma concepção de que a história, tal como a literatura, é uma narrativa que constrói um enredo e desvenda uma trama. Ou seja, ela tem como base elementos da literatura, entretanto não utiliza do fantástico, mas sim dos fatos históricos, vestígios do que aconteceu em um determinado

tempo e espaço. É nessa perspectiva que segue a abordagem sobre o rio Araguaia, buscando tanto elementos históricos como da criação imaginária da literatura para vislumbrar uma visão mais abrangente sobre diferentes visões sobre rio.

Em um país como o Brasil, de área extensa, a hidrografia é marcada por um vasto e complexo emaranhado de rios e afluentes, que vão transformando as paisagens dos locais por onde passam. E um dos mais destacados dentre estes rios é o Araguaia, que tem por característica marcante o fato de ser um rio sem leito, mais largo do que fundo, como afirma Dalísia Doles (1973, p.21).

Divisor natural dos estados do Mato Grosso, Goiás e Tocantins, o Araguaia também banha o Estado do Pará e é o habitat de centenas de espécies de peixes típicos da bacia Amazônica. Com mais de 2.000 mil quilômetros de extensão, o rio Araguaia ainda se mostra como fundamental para o equilíbrio ambiental em uma das regiões com a maior biodiversidade animal e vegetal em todo o planeta.

## **Referencial Teórico**

Sabemos que as narrativas, sejam históricas ou literárias, constroem uma representação acerca da realidade. Temos como suporte teórico para esta análise do rio Araguaia, na perspectiva interdisciplinar, o pensamento de Pesavento (2003). A autora afirma: “Ora, História e Literatura são formas distintas, porém próximas, de dizer a realidade e de lhe atribuir/desvelar sentidos, e hoje se pode dizer que estão mais próximas do que nunca (PESAVENTO, 2003, p.32)”. Desse modo, quando as entrecruzamos, suas fronteiras em parte se diluem, pois os textos históricos comportam recursos ficcionais e os textos literários cercam-se de estratégias documentais de veracidade.

Na pesquisa histórica, o uso da literatura como fonte pode trazer muitas contribuições. Com ela, podemos analisar, por exemplo, fatos que foram descritos com o intuito de denunciar a sociedade de um determinado período. A literatura e a história juntas podem enriquecer o conhecimento com novos relatos e novas visões acerca dos fatos ocorridos. Portanto, a Literatura, como a História, também evidencia aspectos diversos do complexo campo social na qual está inserida, apresentando-se como um campo rico a ser explorado.

## Metodologia

A metodologia proposta está associada aos recursos oferecidos pela pesquisa bibliográfica, sendo utilizada, no presente trabalho, para ampliar e dominar o conhecimento disponível, visando compreender melhor o tema estudado. A pesquisa bibliográfica, realizada em nível exploratório, buscou familiarizar-se sobre assunto e oferecer informações mais precisas para a investigação, fundamentando a análise e discussão dos resultados da pesquisa. Foram feitas diversas leituras bibliográficas sobre o contexto da região no período e sobre o rio Araguaia, tanto no campo da História como no campo da literatura. A partir destas leituras, buscou-se entrecruzar os dois campos do conhecimento e perceber as similitudes e diferenças entre os dados coletados.

## Resultados e Discussões

Pelo viés da História, a leitura do livro de Dalísia Doles (1973), *As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX*, possibilitou compreender a maneira com que o rio foi sendo incorporado à nossa história. Ao estudar o rio Araguaia, podemos ver os avanços que foram feitos logo após a liberação das vias fluviais, como o avanço do povoamento da região e acabou por diminuir a distância, da situação de isolamento que era vivido na época, já que isso faria com que a capitania de Goiás fosse colocada nas rotas de comércio com o Norte do país. Nos séculos XVI e XVII ainda não havia o interesse econômico no Centro-Oeste pelo fato de se limitar apenas no litoral. Mesmo com as incursões dos bandeirantes e religiosos, ainda não havia o interesse de se permanecer nessas terras.

Apenas no início do século XVIII, com a mineração é que o centro do Brasil vai ser povoado por elementos não indígenas. A descoberta do ouro marcou de fato o interesse da Coroa pelo território goiano. Esse processo, denominado de *corrida do ouro*, fez com que muitas pessoas viessem de vários lugares. Entretanto, povoar a região do Araguaia foi um grande obstáculo, persistindo até mais da metade do século XIX, pelo fato de os incentivos fiscais não serem atrativos, pois Goyaz era uma vasta feitoria, cuja população divididas em turmas de operários mineiros, sob a direção do guarda-mor territorial, se movia em todas as direções, parava onde havia trabalho, não tendo amor ao lar doméstico nem afeição ao solo

(DOLES, 1973, p.29).

Grandes eram os problemas que impediam, e até mesmo afastavam, as pessoas de povoarem a região do Araguaia. A dificuldade de navegar nessas águas estava ligada à necessidade de grandes tripulações; havia o medo de se deparar com tribos indígenas que pudessem atacá-los; ainda não se tinha construído fortes e presídios ao longo do rio Araguaia, que pudessem auxiliar na navegação; a falta de incentivos fiscais para que o povoamento da região fosse mais rápido; a agricultura apenas voltada para a subsistência, tudo isso influenciou no tardio desenvolvimento populacional. Entretanto, a descoberta do ouro em Goiás fez com que entrasse de vez na rota do comércio, várias pessoas foram atraídas pelo ouro de aluvião. Ao poucos foram se estabelecendo no território, mas o Araguaia permanecia despovoado, mesmo com as iniciativas de incentivos fiscais realizadas pelo governo.

Com o objetivo de solucionar os problemas em relação aos ataques indígenas, foram criados aldeamentos nas áreas próximas ao Araguaia.

Porém, ao se aproximar o fim do período colonial, os aldeamentos erguidos em nome da civilização dos índios, em sua maioria são projetos frustrados de solução do problema da mão-de-obra, do despovoamento dos sertões e de uma política mais humana do silvícola (DOLES, 1973, p. 34).

É possível perceber que ao longo do tempo houve uma grande redução no número de indígenas e os que eram encontrados, estavam em estado deplorável e em condições desumanas. Com isso, vários desses aldeamentos fracassaram e outros até deixaram de existir, atrasando ainda mais o povoamento.

Segundo Doles (1973), com o governador do Pará, D. Francisco de Souza Coutinho, vai ser formada uma sociedade mercantil com a finalidade de explorar as condições de navegabilidade dos rios Tocantins e Araguaia e, sendo assim, possibilitar o comércio com Goiás. A viagem foi iniciada no dia 5 de fevereiro de 1791, traçando o percurso ora via terrestre, ora via fluvial, com retorno no dia 22 de dezembro de 1791. Nesta viagem pode-se ter noção das condições que seriam a navegação com o propósito comercial, que podem ser assim enumeradas: a primeira delas seria a intercalação entre percorrer um trecho por terra e outro pelo rio; segundo, o Araguaia era mais vantajoso de se navegar, já que o rio Tocantins possuía mais dificuldades naturais como obstáculos; terceiro, em relação ao comércio, o Araguaia possibilitava vantagens, já que poderia comercializar com mais regiões; outro ponto importante era o povoamento das margens do Araguaia, pois com a navegação, isso seria

essencial para estabelecer a via fluvial e ter boas chances de sucesso com as rotas comerciais.

Outra viagem foi realizada, mas sem obter tanto sucesso, acabou trazendo preocupações para os empresários do Pará e repensaram se essa rota fluvial era realmente vantajosa.

Os empresários do Pará começaram a se desinteressar do comércio fluvial porque ele se revelara difícil, porque havia necessidade de tripulação numerosa e porque pequeno era o volume dos produtos goianos exportáveis, não se processando mais qualquer intercâmbio. [...] Porém, assim mesmo reconhecia ele que enquanto não se solucionasse o problema das longas distâncias entre os centros criadores e os portos de embarque do Araguaia, pelo transporte dos rebanhos a locais mais próximos, onde seriam abatidos e preparados, pouco vantagem ofereceria para o Pará o comércio com Goiás (DOLES, 1973, p.31).

Mesmo com as dificuldades de estabelecer a navegação no Araguaia, no século XVIII, o projeto não foi deixado de lado. Com o novo governador D. Francisco de Assis Mascarenhas, foram feitas novas metas governamentais que iriam expandir a agricultura, a navegação e o comércio. Mas, era complicado, já que o povoamento da região estava caminhando lentamente, devido à falta de incentivos.

Avançando para a metade do século XIX, a região do Araguaia ainda permanecia despovoada, e isso trazia consequências para o comércio, pelo fato da navegação não estar conseguindo solucionar o problema do transporte. As medidas para estabelecer as rotas fluviais continuavam a fracassar e os presídios que foram construídos, como de Santa Maria, tiveram frustrações, já que não conseguiram seguir adiante.

Outro autor que contribui para uma melhor compreensão do rio Araguaia na História e na literatura é Couto de Magalhães, um dos presidentes da província no século XIX. Couto de Magalhães decidiu escrever sobre sua trajetória ao rio Araguaia, utilizando-se da narrativa para relatar suas memórias, descrevendo desde as dificuldades, como atravessar cachoeiras, enfrentando animais selvagens e inimigos, até às belezas exuberantes do rio.

Em 1862, aos 24 anos de idade, havia tomado posse da presidência, na província de Goiás. Com isso, resolveu explorar os sertões do Brasil Central. A primeira coisa a ser estudada pelo general foram as vias de transporte: “para escoadouro da província, era a própria natureza que indicava as vias de transporte: - para o sul, o rio Taquary; para o norte o Araguaia e o Tocantins. (MAGALHÃES, 1934, p.VIII)”. Depois de várias análises, concluiu que o rio Araguaia era preferível, já que facilitaria colocar Goiás em contato com os centros

comerciais de Mato Grosso, Pará e Maranhão. Devido às dificuldades de se navegar no rio Araguaia, Magalhães teve de viajar lentamente, o que trouxe a oportunidade de observar tudo que presenciava, analisando os fatos e acumulando conhecimento acerca daquela terra desconhecida, para que pudesse abrir as novas rotas fluviais e estabelecer o comércio com o Pará. Em seu governo foram pensadas novamente medidas que pudessem colocar o rio como meio de rota para o comércio. Magalhães percorreu o rio com a meta de analisar o povoamento e ver as possibilidades de estabelecer as rotas via fluvial. E mais uma vez, o rio Araguaia foi preferível ao invés do rio Tocantins.

Os obstáculos da navegabilidade eram grandes e Couto Magalhães necessitava dos recursos financeiros do governo para que fosse possível quebrar essas dificuldades e estabelecer o comércio com outras regiões. De início, ele conseguiu recursos para que um barco a vapor fosse encomendado e assim navegar pelo Araguaia, recursos estes que não foram suficientes. A capitania de Goiás não possuía condições para estabelecer mais barcos para a navegação, pois era importante que houvesse três barcos, dois para serem utilizados e um para ser reservado. Com um empresário do Pará, Couto Magalhães conseguiu que fosse financiada a Companhia de Navegação. Enfim, a comercialização via Araguaia se iniciara e com ela o mercado se mostrou vantajoso. Esta navegação muito prometia, entretanto era imprescindível que o governo imperial ajudasse a manter essa companhia.

Ao navegar pelo rio, o general esteve preparado para vencer todos os obstáculos possíveis de serem encontrados e um deles seria transpor as temíveis cachoeiras. Em 1866, Magalhães conseguiu que o governo geral desse crédito para desobstruir as cachoeiras do Araguaia, por meio de um processo em volta da navegação sob o rio. Sendo assim, foi encomendado na Inglaterra, um navio próprio para quebrar rochedos abaixo do nível d'água, afim de que cedesse passagem para o navio atravessar. O objetivo, com a tentativa de atravessar as cachoeiras do Tocantins e Araguaia a vapor, era o de que se conseguisse estabelecer uma ponte de comércio com as outras regiões. Entretanto, a empreitada não obteve sucesso. Apenas em 1868 é que o grande passo havia sido dado para que a foz do Amazonas e a do rio da Prata se unissem, visto que fosse uma maneira de interligar o país e estabelecer as relações comerciais para que enfim a capitania de Goiás se desenvolvesse.

Ele descreve com entusiasmo as cenas vividas, já que pôde presenciar as belezas do Araguaia. A ideia central de seu livro “Viagem ao Araguaya” é uma visão geral da região, onde se busca demonstrar a realização do percurso feito com o intuito de ligar a região de

Goiás com as áreas do Norte do país e desenvolver a economia. Nele também há relatos das paisagens e algumas características dos grupos indígenas que foram vistos. Embora o itinerário que Couto de Magalhães seguiu não tenha sido o mesmo do Anhanguera, ele compara sua viagem com a de Bartolomeu Bueno, afirmando que a sua foi superior, já que foi um dos que mais viajou por essas terras.

De todos os grandes rios que tenho visto, nenhum oferece nem de longe a majestade do Araguaia: suas águas estendem-se na largura de 500 braças; essa massa gigantesca desde toda por igual ao logo do enorme leito, sem se ver uma torrente mais apressada em seu veio, de modo que parece antes um corpo sólido e orgânico, do que uma porção de líquido. (MAGALHÃES, 1934, p.94)

Quando ele começa a narrar às maravilhas que vê sobre o rio Araguaia, sua descrição acaba por ficar um tanto quanto fantasiosa, devido à maneira como ele exalta o rio e lhe atribui características. Portanto, seu relato é um exemplo de como a história e a ficção se entrelaçam.

Dando continuidade a esta análise, passamos a discorrer sobre o rio Araguaia pela visão da literatura. De certo modo, os poetas veem o rio como o General Couto de Magalhães o via, como por exemplo, quando Cora Coralina diz à Marietta Telles Machado: “Vá ao Araguaia, minha filha. É um corte no cotidiano, é o encontro de um mundo novo. Tudo o mais se esquece, tudo o mais se anula, só fica a grandeza do rio e nós.” Ou seja, o rio possui esse poder sobre aqueles que o admiram, sejam historiadores, geógrafos, biólogos, engenheiros ou poetas.

O autor José Godoy Garcia (1918-2001), natural de Jataí (GO), em seu livro *Araguaia Mansidão*, relata o cotidiano de quem vive por aquelas redondezas, utilizando-se da literatura para descrever a realidade.

O Araguaia desce as mil léguas de seu silêncio  
Às suas margens, o homem  
A ruína do homem, às suas margens.  
É um rio silencioso. Rio solidário.  
Um rio que se embebeu dos anos da vida humana,  
às suas margens.

Água grande  
Água pequena  
- *Araguaia Mansidão*. (Garcia, 1972, p.87)

Assim, percebemos que a literatura está intimamente entrelaçada com a história, como

visto nos poemas escritos por Garcia. No poema acima, o autor busca retratar o rio mostrando suas peculiaridades físicas, históricas e poéticas. O poeta trás consigo a força, a pureza e a beleza das coisas de que trata em seus versos.

A irmandade do rio  
com o céu e a terra  
é a saga que conto.  
Pois considero o rio  
parte do céu e da terra,  
como a terra e o céu,  
partes do homem.  
(O céu: as nuvens, as estrêlas, pássaros, chuvas,  
lua e sol.  
A terra: a própria vida do rio  
a casa e o patrimônio do rio).  
É o Araguaia igual a qualquer rio,  
tendo seu:  
a mansidão, a franqueza,  
a barriga grande, as dádivas,  
as lagoas, o botô mulherengo,  
a multidão de ilhas,  
os grandes batelões conduzindo madeira e gado,  
os patos selvagens,  
e a vida do homem. (GARCIA, 1972, p. 89).

No verso acima, Garcia busca demonstrar a relação que o rio faz com as pequenas coisas que o fazem majestoso, como por exemplo, a sua mansidão, os detalhes de seu formato, os figurantes, como os pássaros, as ilhas, e os animais que ali vivem, nessa obra natural que é o Araguaia. Enfim, seus versos possuem tanto aspectos da História quanto da literatura e trazem um olhar capaz de ver a vida latente, que compreende a necessidade de pequenos detalhes que são primordiais para a história e compartilhamento das memórias desse rio.

## Conclusão

Podemos ver que o interesse inicial pelo rio Araguaia surgiu da necessidade de expandir as rotas comerciais, tanto no Pará como em Goiás, já que por via terrestre o tempo gasto era maior e não se tinha uma vantagem econômica tão grande. Outro fator seria a possibilidade de comércio com outras regiões e interligar com uma maior facilidade. As dificuldades foram grandes, mas enfrentadas pelos administradores que se puseram a quebrar as barreiras que os impedia de navegar por aquelas águas.

Mas o principal objetivo dessa pesquisa foi analisar o rio Araguaia entrecruzando aspectos da História com a Literatura, buscando mostrar que a interdisciplinaridade contribui para uma melhor compreensão do contexto histórico e do objeto de pesquisa históricos. O conteúdo das obras dos três autores, Dalísia E. Martins Doles, José Vieira Couto de Magalhães e José Godoy Garcia são muito diferentes na forma da escrita e nos objetivos almejados, porém, todos eles têm como foco o rio Araguaia. Assim, acreditamos que a visão sobre este mesmo objeto (o rio Araguaia) fica mais ampla e completa, pelas lentes de uma historiadora, de um militar e administrador e de um poeta. ▸

## Referências

DOLES, Dalísia E. Martins. **As Comunicações Fluviais pelo Tocantins e Araguaia no século XIX**. Goiânia: Oriente, 1973.

GARCIA, José Godoy. **Araguaia Mansidão**. Editora: Oriente, 1972.

MACHADO, Marietta Telles. **Meu encontro com o Araguaia**. Editora: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, Instituto Goiano do Livro, 2000. p. 27 a 35.

MAGALHAES, Couto de. **Viagem ao Araguaya**. São Paulo: Brasiliana, 1934.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogo da história com a literatura. In: **Anais do XX simpósio Nacional de História**. Florianópolis: 1999.